

JORNAL: Correio da Manhã LOCAL: Quamabara

DATA: 27/06/1964 AUTOR: Jayme Maurício

TÍTULO: Arte do mundo na XXXII Bienal de Veneza

ASSUNTO: Ivan e outros na Bienal.

Arte do mundo na XXXII Bienal de Veneza

Veneza, junho (de Jayme Maurício, via Panair do Brasil) — Numa Veneza sempre mais fascinante, dourada e silenciosa, não obstante — verdadeira praga de turistas, uma Veneza que, alarmantemente, se afunda cerca de três milímetros e meio por ano (cerca de 34 centímetros por século, o dobro do século passado), foi inaugurada a XXXII mostra internacional de arte, a maior do mundo, uma tradição que se mantém desde 1895. Como sempre, a efervescência artístico-intelectual nos dias que anteciparam a inauguração e a premiação, foi tremenda. Cerca de 500 jornalistas e críticos de arte, mais de mil artistas, centenas de colecionadores, marchands e o mais do dobro de tudo isso em turismo cruzando-se pelos canais, praça São Marcos, museus, cate-drais, gôndolas e trattorias, numa expectativa intensa sobre a arte de trinta e oito países que se fazem re-presentar no Parque Giardini. Desses 38, vinte e oito em pavilhões próprios, inclusive, enfim, o Brasil que deixou de figurar este ano entre os orfãos da Bienal de Veneza: um dos pontos altos do certame foi a inauguração do nosso pavilhão, cujo local privilegiado tem provocado protestos, um bom projeto italo-brasileiro de Mindlin-Marchesi, inaugurado sem a conclusão do aca-bamento, mas inaugurado. Já enviamos a descrição do projeto e oportunamente nos ocuparemos de outros as-pectos. Nesta reportagem tentaremos dar ao leitor bra-sileiro uma visão de conjunto desta Bienal, antes de passarmos a outros aspectos mais detalhados.

A designação do júri de premiação, desta vez, surpre-endeu a quase todos. Têm-se como certo que foi um júri de reação a certas tendências ditas gestálticas ou de arte programada, lideradas por Giulio Carlo Argan, e também uma oposição às costumeiras exigências da França: no júri não entrou o rotineiro comissário fran-cês e a presença de Giuseppe Marchiori, um duro crí-tico da Bienal, e de Valsechi, além do polonês Starzinski, deram especial característica ao júri de uma mostra cuja tônica se faz sentir mais sobre o *gestaltismo* e o *pop art*. Presidiu o júri, o holandês A. M. Hammacher, e além de Marchiori e Valsechi, pela Itália, temos pela primeira vez um brasileiro, Murilo Mendes, o suíço Frans Meyer, o americano San Hunter e o polonês Juliusz Starzinski.

A exposição "Arte de Hoje nos Museus" recebeu o lugar mais destacado do Pavilhão Central. Nela con-correm 18 museus com aproximadamente 229 obras ori-undas dos museus de Londres, Paris, Roma, Nova York, Munique, Berlim, Bruxelas, Rio de Janeiro, Colônia, Kre-feld, Oslo, Estocolmo, Turim, Viena, Veneza, Zagabria e Zurique. Cada museu apresenta uma seleção de 10 a 20 obras dos respectivos acervos, executadas depois de 1950. Giulio Carlo Argan, que presidiu a comissão de seleção das muitas dezenas de museus modernos do mundo, diz que sua finalidade é saber qual é a razão de ser e a função do museu de arte moderna e qual a sua relação com a iniciativa privada, com o mercado de arte e com as coleções particulares, bem como a ma-neira como vivem os museus, como se desenvolvem e como cumprem a sua função de educação estética. O pintor mais representado nesse conjunto é surpreenden-temente Manessier com uma tela em cinco museus, se-guido de Soulages, Hartung, Moore, com quatro em cada museu; Picasso, Dubufet, Nay, Nicholson, Tapiés, Gia-cometti, com três; com duas ou uma tela, de Stael, Po-liakof, Vieira da Silva, Tobey, Burri, Fontana, Kokos-chka, Kemeni, Alan Davies, Sugai, Bissière, Calder, Ta-mayo, Leger, Chadwick, Tinguely, Mathieu, Fautrier, Baumeister, Capogrossi, Sanderborg e outros. O único Morandi presente é do Museu de Arte Moderna do Rio, e ganha grande e melancólico realce com o fato da Bienal ter sido inaugurada precisamente no dia em que foi enterrado o grande mestre de Bolonha, o maior pintor italiano contemporâneo. De um modo geral, ês-tes são os nomes mais representativos do que resolve-ram chamar "a arte de hoje nos museus". Assim como já estabeleceu que o tempo do termo "contemporâneo" é de 50 anos, a comissão que organizou a mostra, sugere que o tempo de "hoje" em arte, seja de 14 anos, pois exigiu obras realizadas depois de 1950. Bastante discuti-

Itinerário das Artes Plásticas

JAYME MAURÍCIO

vel, mas pelo menos um ponto de referência. É curioso, porém, que o Grande Prêmio de Pintura da própria Bienal, Robert Rauschenberg, o papa do *pop-art*, não figure em nenhum acervo, mesmo americano. A Bienal então já não concede prêmios nem à arte de ontem ou de hoje, mas de amanhã? É um dos muitos paradócos estimulantes do grande certame. O Brasil está muito bem representado pelo acervo do Museu de Arte Moderna do Rio, esse acervo que os caríssimos confrades de há oito ou dez anos, aí no Rio, achavam péssimo, absurdo: Hartung, Manessier, Morandi, Nay, Soulages, Sugai, Santomaso, e os brasileiros Manabu Mabe, Antô-nio Bandeira e Ivan Serpa. Apresentação do redator.

Prêmios da XXXII Bienal de Veneza

Veneza, junho (de Jayme Maurício) — Eis a relação total dos prêmios concedidos pelo júri de premiação da Bienal de Veneza, alguns dos quais não puderam constar do telegrama que enviamos de véspera para o CORREIO DA MANHÃ.

- Internacional de Pintura (2 milhões de libras): Roberto Rauschenberg, EUA.
- Internacional de Escultura (2 milhões de libras): Zoltan Kemeni, Suíça.
- Internacional de Desenho (500 mil libras): Joseph Fassbender, Alemanha.
- Italiano de Pintura (2 milhões de libras) ao es-cultor Arnaldo Pomodoro, Itália.
- Italiano de Escultura (2 milhões de libras): An-drea Cascella, Itália.
- Italiano de Gravura (500 mil libras): Angelo Sa-velli, Itália.
- Prêmio de Aquisição Arthur Leywa (um milhão de libras): Hisau Damoto, Japão.
- Prêmio Comuna de Veneza (500 mil libras): Frans Krajcberg, Brasil.
- Prêmio Fundação Bright (500 mil libras): Bran-ko Ruzic, Iugoslávia.
- Prêmio Aquisição (500 mil libras): Jesus Ra-phael de Soto, Venezuela.
- Prêmio Aquisição (500 mil libras): Jean Ipous-teguy, França.
- Prêmio Aquisição (100 mil libras): Luca Crippa, Itália.
- Prêmio Mário Carena (300 mil libras): Carla Accardi, Itália.
- Prêmio Carlo Cardazzo (500 mil libras): Luce-berg, Holanda.
- Prêmio Gollin (500 mil libras): Gastone Novelli, Itália.
- Prêmio Gollin (500 mil libras): Bernhard Lugin-buhl, Suíça.
- Prêmio A. S. Romansky (200 dólares): Rorsten Renqvist, Suécia.
- Prêmio da UNESCO: Roger Hilton, Grã-Breta-nha.

Uma menção de honra foi feita ao pintor fran-cês Roger Bissière, em reconhecimento pela im-portância histórica e artística da sua obra.

CM 27-6-64